

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTETERAPIA

MIRIAN YOCHIMI KURUSU TERADA

ARTETERAPIA E SURDEZ

SÃO PAULO

2009

MIRIAN YOCHIMI KURUSU TERADA

ARTETERAPIA E SURDEZ

Trabalho de conclusão do curso de especialização em Arteterapia apresentado para obtenção do título de especialista Lato Sensu em Arteterapia da Universidade de Santo Amaro, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Ms. Marilene Lima.

São Paulo

2009

## **AGRADECIMENTOS**

À Profª Marilene pelo incentivo, dedicação e carinho, pois sem a sua presença este trabalho não se realizaria e ao Augusto e minha filha Juliana pela paciência e compreensão pelos momentos em que não pude estar com eles.

A arte é uma fada que transmuta  
E transfigura o mau destino.  
Prova, olha, toca, cheira e escuta:  
Cada sentido é um dom divino.

Manuel Bandeira

## RESUMO

O processo arteterapêutico possibilita o autoconhecimento no sentido de conhecimento adquirido e transmitido pelos sentidos e pela consciência. O âmbito deste estudo busca interligar subsídios teórico-práticos relativos ao emprego dos contos de fadas em Arteterapia junto uma paciente adulta surda, com o intuito de auxiliar em seu processo de autoconhecimento e transformação. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, com enfoque qualitativo. A análise dos dados se baseia na mudança de comportamento da paciente durante o percurso, bem como na melhora do nível de comunicação em LIBRAS e ampliação da leitura de mundo. Os conceitos apresentados constituem os princípios básicos da Arteterapia, com o referencial teórico da Psicologia Analítica, na qual me oriento para a execução deste trabalho. A teoria Junguiana da personalidade humana é muito mais ampla do que aqui exposto e vale a pena ser estudada mais profundamente, entretanto, os conteúdos aqui considerados são suficientes para o desenvolvimento do trabalho.

**Palavras-chave:** arteterapia, contos de fadas, língua de sinais, psicologia analítica, surdez.

## **ABSTRACT**

The process of art therapy enables self knowledge in the sense that the knowledge obtained is transmitted to the senses and consciousness. The extent of this study seeks to link practical and theoretical subsidies related to the use of fairy tales in art therapy applied to a deaf adult patient with the objective of helping her not only get to know herself, but also obtain transformation. It is a descriptive and exploratory study focusing on quality. The analysis of the data is based on the changes of the patient during the treatment, as well as the improvement of the level of communication in SIGN LANGUAGE, plus the way that the world is seen and understood. The concepts here presented constitute the basic principles of art therapy together with the theoretical support of Analytical Psychology, based on which I take my bearings, to execute this piece of work. The Jungian Theory of the human personality is a lot more ample than that which is being exhibited here and is worthwhile being studied in depth, however, the content here considered is sufficient for the development of this piece of work.

Key words: art therapy, fairy tales, sign language, analytical psychology, deafness

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Configuração de mãos.....	20
Figura 2 – Sinal FAZER.....	20
Figura 3 – Sinal SAUDADE.....	21
Figura 4 – Sinal ARROZ.....	21
Figura 5 – Ponto de articulação: lado esquerdo do tórax.....	21
Figura 6 – Ponto de articulação: frente ao corpo.....	22
Figura 7 – Ponto de articulação: queixo – Sinal DESCULPA.....	22
Figura 8 – Sinal BANHEIRO.....	22
Figura 9 – Sinal EM PÉ.....	23
Figura 10 – Sinal LIBERDADE.....	23
Figura 11 – Sinal TRABALHAR .....	23
Figura 12 – Sinal IR.....	24
Figura 13 – Sinal VIR.....	24
Figura 14 – Desenho a lápis.....	38
Figura 15 – Desenho a lápis.....	39
Figura 16 – Pintura a guache.....	41
Figura 17 – Modelagem .....	44
Figura 18 – Pintura a guache.....	44

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
SOBRE A PACIENTE.....	10
SURDEZ OU DEFICIÊNCIA AUDITIVA?.....	13
LIBRAS: A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE SURDA.....	17
BILINGUISMO: UMA PROPOSTA ATUAL.....	27
ARTETERAPIA E OS CONTOS DE FADAS.....	32
COM A PACIENTE.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	47

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa descrever um breve estudo realizado junto a uma paciente adulta surda, tendo por base as contribuições da Arteterapia, utilizando os contos de fadas para estabelecer a interação terapêutica com a paciente.

Sou professora e venho realizando ao longo dos anos de magistério, reflexões e estudos quanto à importância da língua de sinais na educação de surdos. Nos meus estudos sobre surdez, sempre procurei fazer intersecção com outras áreas do conhecimento e, atualmente estou me aproximando dos conceitos teóricos propostos por C. G. Jung através da Arteterapia.

Para uma melhor compreensão sobre o atendimento terapêutico que estou realizando com a paciente, descreverei o panorama no qual a pessoa surda, filha de pais ouvintes, é inserida no mundo ouvinte desde o seu nascimento, pois retrata a situação da grande maioria dos surdos e, a descoberta da perda da audição, que é um processo longo e confuso para os pais, gera conflitos entre optar em ensinar a falar convivendo exclusivamente com pessoas ouvintes ou colocar em escola especial para surdos onde terá acesso a língua de sinais que desconhecem e deverão aprender.

Em seguida, comento a importância da língua de sinais para as interações sociais e as interlocuções para os surdos estabelecerem com o mundo ouvinte.

Na sequência, abordo a influência benéfica dos contos de fadas para elaborar os elementos que habitam nosso imaginário, como os medos, desejos, amores e ódios, etc., por estarem sempre carregados de simbolismo, e captados de uma forma intuitiva tornam-se muito mais abrangente do que seria possível se fosse feito pela compreensão meramente intelectual. Acredita-se que o efeito integrador que os contos de fadas têm sobre a personalidade seja o fator responsável pelo fato de terem resistido à passagem do tempo e terem se universalizado.

Por último, estarei fazendo algumas reflexões sobre as contribuições da Arteterapia apoiada no referencial teórico da Psicologia Analítica no atendimento terapêutico, ainda em curso, com a paciente.

## SOBRE A PACIENTE

O fato que mais chamou atenção no primeiro encontro com a paciente, foi perceber o quanto a sua linguagem estagnou no tempo. A sua comunicação consistia em uma mistura de tentativa de oralizar nomes e alguns sinais-chave para representar a sua intenção comunicativa, tal qual faz com as pessoas ouvintes que tem convivido durante os últimos anos.

S. tem 37 anos, cursou até 8ª série em escola especial e concluiu o ensino médio em escola regular em companhia de alguns colegas surdos em classe de ouvintes. É solteira, não tem filhos, mora na casa de seus pais embora o pai pouco habite, após o falecimento de sua mãe, há cinco anos, veio morar um irmão com esposa e filha. Sendo que, na casa ainda moram um irmão e uma irmã solteiros. O convívio com estes familiares causa um intenso desconforto.

A paciente perdeu a audição antes de aprender a falar, na chamada fase pré-linguística, é oriunda de família ouvinte, os pais percebiam que S. não tinha fala inteligível e não atendia aos chamados. Quando houve a confirmação de sua perda auditiva, começou a freqüentar escola especial para surdos e, após o término de sua escolarização básica, o seu acesso a língua de sinais ficou muito restrito ao ambiente de trabalho e familiar. É a única surda na empresa em que trabalha e sua função não exige interação comunicativa entre os colegas de trabalho.

A paciente passou os últimos cinco anos, desde o falecimento de sua mãe, vivendo com irmãos na mesma casa, porém estes não estabelecem laço afetivo e comunicativo com S. Demonstra claramente a dificuldade em manter um diálogo efetivo com seus familiares, comunicando-se por meio de gestos caseiros, mímicos e alguns sinais padronizados que seus familiares não fazem questão de aprender. Assim, as interações gestuais entre a paciente e os familiares são sintéticas, confusas e repletas de deslizamentos de sentidos. Gerando conflitos e até agressões físicas que ocasionou, por parte dos outros irmãos, que não moram na mesma casa, em procurar ajuda profissional.

No início, o diálogo da paciente parecia uma avalanche de fatos desconectados, não era possível identificar quem eram os sujeitos da ação apenas com seu relato. Foi preciso retomar os assuntos fazendo desenhos, escrevendo esquemas com nomes para compreender e situar o seu relato. Na verdade, S. estava sinalizando apenas alguns sinais e gestos caseiros seguidos de vocalizações incompreensíveis representando todo o enredo de sua vida.

Para ajudá-la a reorganizar e recordar a estrutura comunicativa na LIBRAS e ao mesmo tempo investigar quais figuras fantásticas evocariam imagens que estabeleceria a conexão entre o consciente e o inconsciente através de um processo arteterapêutico, pensei em unir a língua de sinais com a linguagem dos contos de fadas.

Através dos contos podemos ser tocados por sentimentos, aqueles que estavam escondidos, como medos, felicidade, amorem entre outros, que nos são trazidos através das imagens neles contidas. Bettelheim (1980) coloca que cada pessoa absorverá um significado próprio, dependendo do momento pelo qual passa, e de suas necessidades internas, sendo que um mesmo conto poderá ter significados diferentes para a mesma pessoa, considerando-se as diversas fases de sua vida.

Devido ao fato de S. ter permanecido muitos anos praticamente sem contato com usuários da LIBRAS, que é a sua língua majoritária, com os quais pudesse estabelecer e solidificar os vínculos sociais, pessoais e também afetivos, pode e deve ser favorecida por modalidades expressivas que lhe permita analisar, inventar e compreender.

Com os contos de fadas, S. terá oportunidades de vivenciar relatos completos em sinais com começo, meio e fim e, conseqüentemente melhorar o seu discurso para transmitir e explicar suas sensações, o seu sentimento, pensamento e o modo como vivencia e entende o mundo, fazendo-o de acordo com o seu próprio desenvolvimento emocional, mental, psíquico e biossocial.

Com o que pude apreender inicialmente da história de vida de S., enquanto a mãe estava viva, sua vida transcorria sem problemas ou que alguma situação causasse algum conflito, parecendo estar adormecida. Após o

falecimento da mãe, S. passou a ser “tutelada” pelos irmãos e começou a enfrentar problemas que até então não a atingiam diretamente.

A proposta inicial do atendimento terapêutico foi de priorizar a reconstituição dos sentidos em LIBRAS, como também, valorizar o planejamento de práticas discursivas lúdicas e concretas compreendendo toda a tarefa enunciativa através dos contos de fadas.

[...] as palavras sabem alcançar a poesia dos sentimentos e valores humanos, das dores e amores, da potência e onipotência, do apego e do desapego, do riso e das lágrimas...

As palavras sabem alcançar o outro e acolhê-lo em sua solidão, em seu universo de fantasias e mitos. (GUTTMANN, 2006, p. 134)

## SURDEZ OU DEFICIÊNCIA AUDITIVA?

A perda de audição pode ocorrer no período pré-lingüístico (antes de adquirir linguagem) ou pós-lingüístico (após ter adquirido linguagem). A pessoa que perde parte da audição após ter adquirido linguagem por meio da via auditiva, mantém a capacidade de se expressar oralmente e se comunicar com as pessoas desde que seja em ambiente calmo, onde uma pessoa fale de cada vez e fique de frente para possibilitar a leitura dos lábios. Este pode ser considerado um deficiente auditivo, uma vez que teve acesso à cultura e língua da sociedade ouvinte.

Deficiente auditivo é considerado, também, aquele que tem uso da audição dificultada parcialmente. De uma forma geral, segundo Perlin (2000), esse grupo não se enquadra na cultura surda, visto que possuem um problema que pode ser eliminado pelo simples aumento de volume de som e/ou dos aparelhos de amplificação sonora.

Há pessoa que perde a audição antes de adquirir linguagem, estará impossibilitada organicamente de adquiri-la por meio da via auditiva, principalmente quando a perda auditiva for de grau severo ou profundo. Segundo Skliar (1997) o uso do termo Surdo ou deficiente auditivo aponta, também e principalmente, para uma diferença de concepção da surdez:

1. Concepção clínico patológica que concebe a surdez como uma deficiência a ser curada através de recursos como: treinamento de fala e audição, adaptação precoce de aparelhos de amplificação sonora individuais, intervenções cirúrgicas como o Implante Coclear etc. Nesse sentido o encaminhamento é o trabalho fonoaudiológico e a escola comum, com o objetivo de “integrar” a pessoa surda no mundo dos ouvintes através da “normatização da fala.

2. Concepção sócio antropológica que concebe a surdez como uma diferença a ser respeitada e não uma deficiência a ser eliminada. O respeito à surdez significa considerar a pessoa surda como pertencente a uma comunidade minoritária com direito à língua e cultura própria. Segundo Moura (2000),

cultura não como relacionada à etnia, nação ou nacionalidade, mas como lugar de direitos coletivos para a determinação própria do grupo. No caso do Surdo, podemos constatar as diferenças nos aspectos de comportamento lingüístico, de valores e atitudes, em que a surdez não é vista como uma doença, mas como diferença; de estilos cognitivos gerados por uma perda auditiva que faz com que o Surdo tenha uma forma diferente de perceber o mundo, de práticas sociais que se estabelecem pela via visual e ter em uma língua visual espacial sua língua natural (primeira língua).

Utilizarei os termos: "surdo" e "surdez", pois são preferidos pela comunidade surda por considerarem que "deficiente auditivo" e "deficiência auditiva" são termos que dizem respeito ao déficit biológico, ao que falta ao sujeito e escondem preconceitos. Ser surdo significa saber-se um sujeito diferente e não deficiente, que pertence a uma comunidade minoritária que compartilha uma cultura e língua visual-espacial, a língua de sinais.

Ao definir a surdez como uma experiência "visual", que constitui e especifica a diferença, não estou restringindo o visual a uma capacidade de produção e compreensão especificamente lingüística ou a uma modalidade singular de processamento cognitivo. Experiência visual envolve todo tipo de significações, representações e/ou produções, seja no campo intelectual, lingüístico, ético, estético, cognitivo, cultural, etc. (SKLIAR, 1990, p. 11)

As pesquisas de Perlin (1998) apontam que cada sujeito surdo possua múltiplas identidades, e nos apresenta as seguintes categorias de identidades dos sujeitos surdos:

a) Identidade Surda – são aqueles que são sinalizantes e alguns são engajados na política e movimento social. Utilizam muitas formas de usar a comunicação visual, como classificadores, piadas, fatos heróicos, etc. São sinalizantes por aquisição com os surdos adultos e ou são filhos de pais surdos. Possuem um espaço cultural, têm consciência surda e usa alternativas comunicativas e visuais, como internet, aparelhos visuais e de contato. Uma minoria é bilíngüe, especialmente, filhos de pais surdos e de outros, por contato deste pequeno;

b) Identidade surda híbrida – são aqueles que adquiriram surdez, por doença ou por patologia progressiva ou de enfermidade, depois de ouvirem. São aqueles que usam a roupa da surdez por fora, mas por dentro, pensam como pessoas não-surdas. Alguns sentem dificuldade de captar e de entender os sinais da língua de sinais e outros não. Sabem e conhecem o suficiente a estrutura da língua portuguesa e a maioria é oralizada. Usam outras formas de comunicação, como comunicação total, oralismo e de língua de sinais como suporte de comunicação com outros parceiros surdos e de não-surdos;

c) Identidade surda de transição – São os requisitos dos sujeitos surdos com identidade incompleta ou flutuante que ao mudarem da identidade hegemônica dos não-surdos para a hegemônica dos surdos. Os requisitos básicos são como: vergonha de assumir como pessoa surda, conflito emocional, choque cultural e da desconfiança, de não aceitação e desconhecimento da língua de sinais;

d) Identidade surda incompleta – São aqueles que estão envolvidos na comunidade não-surda e acreditam na supremacia e no poder ouvintista sobre eles. São os “espelhos” dos outros. Se sentem bem e fazem tudo para desacreditar a ideologia, política, cultural e identidade da comunidade surda;

e) Identidade surda flutuante - São aqueles que não se manifestam emocionalmente enquanto sujeitos surdos. Pensam como não-surdos, têm vergonha de conviver com a comunidade surda. Têm dificuldade de conviver com a comunidade não-surda devido a sua comunicação tão fragmentada. São mais solitários.

Mesmo vivendo num “mundo sem som” verifica-se que há um processo de adaptação dos sujeitos surdos ao mundo sonoro, ou seja, desde pequenas as crianças surdas crescem aprendendo a fazer certos ajustes carregados de elementos significativos por meio da visualidade.

A visualidade contribuirá, de maneira fundamental, para a construção de sentidos e significados. Entendendo-se que o sentido, de acordo com Vygotsky (1994), refere-se à dimensão particular, singularizada pelas histórias de cada sujeito pelo processo de apropriação individual dos significados. O significado, por sua vez, refere-se ao que está coletivizado e que permeia a

relação do sujeito com o mundo, mediada por signos culturais, ou seja os “signos não-auditivos”. “Não ouvir” significa muito para o contexto do conjunto de significados e sentidos. Os sujeitos surdos, em sua relação com o mundo, não desconhecem a presença do som, mesmo que não o registrem pelo órgão dos sentidos apropriado para tal. Ao contrário, criam estratégias para lidar com os indícios visuais do som interpretando estes indícios pelo contexto em que se encontram.

Assim, as pessoas surdas que não conhecem ou nunca ouviram um “som”, sentem, muitas vezes, a sua presença pelos elementos que os acompanham, apreendem aquilo que dá significado ao percebido e que permite a interpretação, por exemplo: sentir as nuvens prenunciando a chuva e seus ruídos; quando um carro vai chocar com outro; perceber quando alguma coisa vai cair e imaginar qual o tipo de barulho que vai causar; perceber a expressão de desagrado das pessoas expressa em suas faces quando ouvem um risco de giz em um quadro negro. Essas são as interpretações visuais que imaginamos como se fossem os sons.

Os “sons” imaginários que substituem o “não poder ouvir”. Em contrapartida, a ausência é substituída pela visão, que é condicionada de acordo com a percepção visual que vai sendo construída no e do mundo.

## LIBRAS: A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE SURDA

Para conhecer e compreender o modo como as crianças surdas filhas de pais ouvintes estruturam suas primeiras narrativas em sua linguagem, é necessário considerar o modo como freqüentemente elas têm acesso e adquirem a língua de sinais. Elas normalmente sofrem um sério problema para a aquisição de linguagem, mesmo que seus pais se interessem em aprender e usar a língua de sinais.

Desde cedo, a criança ouvinte tem a oportunidade de conviver com a língua utilizada por sua família. O interlocutor adulto colabora para que a linguagem da criança flua, oportunizando atitudes discursivas que favoreçam a aprendizagem e a identificação de aspectos importantes da língua na qual ela está sendo imersa, e que irá se apropriar ao longo de seu desenvolvimento.

As crianças surdas, em geral, não têm a possibilidade desse aprendizado, já que a maioria das vezes não tem acesso à língua utilizada por seus pais (ouvintes). Tais crianças permanecem no ambiente familiar apreendendo coisas do mundo e da linguagem de forma fragmentada e incompleta justamente por sua dificuldade de acesso à língua a qual está sendo exposta.

Para a pessoa surda a linguagem deixa de ser sustentada em fonemas, letras, palavras, enfim, em sons, e passa a se sustentar em sinais imagéticos, que são signos lingüísticos para os surdos da mesma forma que as palavras são para os ouvintes. Sacks (1990), inclusive, em seu livro sobre surdez, propõe um trocadilho com a condição ouvinte e intitula seu livro “Vendo Vozes”.

A língua de sinais é uma língua natural, plenamente desenvolvida, que assegura uma comunicação completa e integral. Diferentemente da língua oral, a língua de sinais permite às crianças surdas em idade precoce de comunicar com os pais plenamente, desde que ambos adquiram-na rapidamente. A língua de sinais tem papel importante no desenvolvimento cognitivo e social da criança e permite a aquisição de conhecimentos sobre o mundo que a cerca.

Sacks (1990), Skliar (1997) e Quadros (1997) ressaltam a necessidade da criança surda ser exposta desde cedo a um ambiente comunicacional rico para que seu desenvolvimento cognitivo não seja prejudicado. No caso de uma surdez profunda, para esses autores, isso só é possível se a língua de sinais for a primeira língua da criança.

Segundo Skliar (1997), quando a criança surda é filha de pais surdos, o processo de aquisição da Língua de Sinais é equivalente ao da língua oral por crianças ouvintes filhas de pais ouvintes. Mães e pais surdos utilizam sinais com seus filhos, inclusive modificando-os para facilitar a compreensão por parte das crianças, tornando-os mais transparentes. Sendo membros de uma comunidade linguística e cultural, uma família surda tem seus filhos surdos em situação equivalente a de uma família ouvinte com pais ouvintes.

Sacks (1990) observa que as crianças surdas filhas de pais surdos executam seus primeiros sinais aproximadamente aos seis meses de vida e adquirem uma fluência considerável com quinze meses de idade. Embora possa haver o desenvolvimento precoce de um vocabulário de sinais, o desenvolvimento da gramática de sinais ocorre na mesma idade e da mesma forma que a aquisição da gramática na língua falada. O desenvolvimento linguístico, assim, produz-se com o mesmo ritmo em todas as crianças, surdas ou ouvintes.

Porém, como 95% a 96% das crianças surdas são filhas de pais ouvintes (Skliar, 1997), é vital que a surdez seja detectada o mais precocemente possível e, que as crianças também sejam rapidamente introduzidas à língua de sinais. Para tal, é importante que os pais ouvintes aprendam a língua de sinais e dêem oportunidades para que seu filho ou filha entre em contato com outras crianças e adultos surdos. O contato com a comunidade surda fará com que a criança adquira a possibilidade de ver a surdez como diferença e não como deficiência.

O fato de que uma criança surda utilizar a língua de sinais como meio de instrução não significa que perca a capacidade de adquirir uma segunda língua, mas que a introdução desta segunda língua através da língua natural lhe assegura o domínio de ambas. Pelo fato de os surdos viverem em um mundo completamente visual-gestual, seu cognitivo se desenvolve de um

modo totalmente visual, não devendo ser considerado como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem.

As línguas de sinais são consideradas pelos linguístas como línguas naturais, ou um sistema linguístico legítimo, pois é utilizado por uma comunidade para comunicação. Diferentemente da língua oral, a língua de sinais permite à criança surda, em idade precoce, de comunicar com os pais plenamente, desde que ambos adquiram-na rapidamente. A língua de sinais tem papel importante no desenvolvimento cognitivo e social da criança e permite a aquisição de conhecimentos sobre o mundo que a cerca.

A LIBRAS é uma língua natural surgida entre os surdos brasileiros com o propósito de atender às necessidades comunicativas de sua comunidade. Segundo Brito (1995) são línguas naturais porque, como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre os surdos, além de, através de sua estrutura, expressam qualquer conceito desde o descritivo, concreto ao emocional e abstrato. A LIBRAS apresenta dialetos regionais, salientando assim, uma vez mais o seu caráter de língua natural.

As línguas de sinais são distintas, isto é, existem diferentes línguas de sinais para cada comunidade de surdos. Existe, por exemplo, a língua de sinais americana – ASL - que é usada por surdos dos Estados Unidos, há a língua de sinais brasileira – LIBRAS – que é usada pelos surdos dos grandes centros urbanos do Brasil, entre outros.

As línguas de sinais utilizam um sistema finito de elementos que se combinam formando elementos com significação ou palavras que por sua vez, constituem um sistema infinito de frases possíveis.

As línguas de sinais são dotadas de toda a complexidade e utilidade encontrada nas línguas orais e, assim como elas, possuem gramática própria, com regras específicas em seus níveis sintático (da estrutura), fonológico (das unidades que constituem uma língua), semântico (do significado), o morfológico (da formação das palavras) e o pragmático (envolvendo o contexto conversacional). Entretanto, somente a partir de 24 de abril de 2002 de acordo com a lei Nº. 10.436, decretada pelo Congresso Nacional, a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) foi reconhecida como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil.

A LIBRAS tem sua estrutura gramatical organizada a partir de alguns parâmetros que estruturam sua formação nos diferentes níveis lingüísticos, segundo Ferreira Brito (1990) os sinais são formados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são feitos. Nas línguas de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros que formarão os sinais:

- **Configuração das mãos:** São formas das mãos que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros ou esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos. Os sinais FAZER, SAUDADE e ARROZ, por exemplo, possuem a mesma configuração de mão (com a letra A). A diferença é que cada uma é produzida em um ponto diferente no corpo.

Figura 1: configuração de mão em A

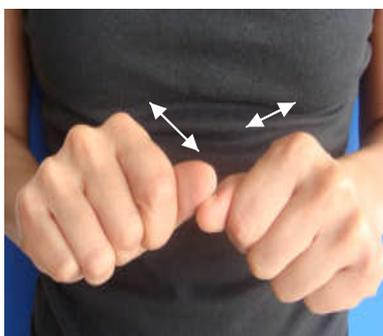


Figura 2: sinal FAZER



Figura 3: sinal SAUDADE

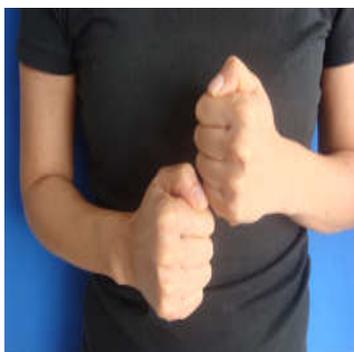
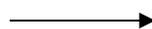


Figura 4: sinal ARROZ

- **Ponto de articulação:** é o lugar onde incide a mão predominante configurada, ou seja, local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro.



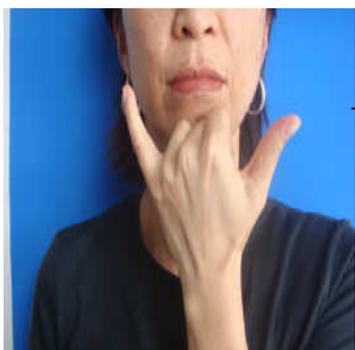
Ponto de  
articulação:  
lado esquerdo  
do tórax

Figura 5: sinal SAUDADE



Ponto de articulação: frente do corpo

Figura 6: sinal FAZER



Ponto de articulação: queixo

Figura 7: sinal DESCULPA

- **Movimento:** Os sinais podem ter movimento ou não. Por exemplo, os sinais BANHEIRO e EM-PÉ não têm movimento;

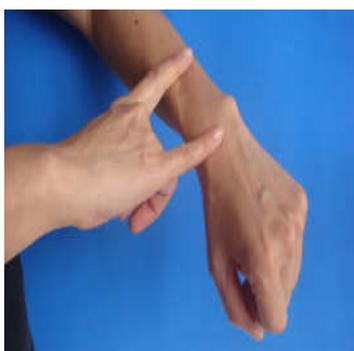


Figura 8: sinal BANHEIRO



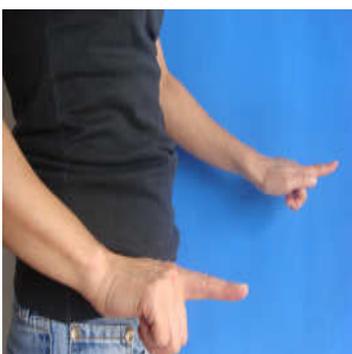
Figura 9: sinal EM PÉ

- Os sinais LIBERDADE e TRABALHAR possuem movimento.

Figura 10: sinal LIBERDADE



Figura 11: sinal TRABALHAR



- **Expressão facial e/ou corporal:** As expressões faciais / corporais são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Língua de Sinais é feita pela expressão facial.

- **Orientação/Direção:** Os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros acima. Assim, os verbos IR e VIR se opõem em relação à direcionalidade.

Figura 12: sinal IR

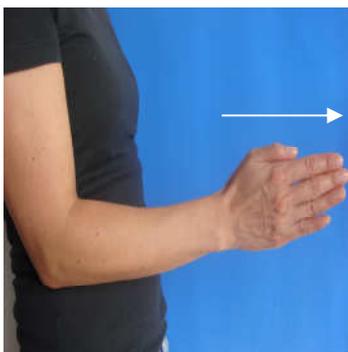


Figura 13: sinal VIR



A LIBRAS não pode ser estudada tendo como base a Língua Portuguesa, porque ela tem gramática diferenciada, independente da língua oral. A ordem dos sinais na construção de um enunciado obedecem regras próprias que refletem a forma de o surdo processar suas idéias, com base em sua percepção visual-espacial da realidade. Vejamos alguns exemplos que demonstram exatamente essa independência sintática do português:

Exemplo 1: LIBRAS: **EU IR CASA** (verbo direcional)

para: não se usa em LIBRAS, porque está incorporado ao verbo

Português : " Eu irei para casa. "

Exemplo 2: LIBRAS: **FLOR EU DAR-MÃE** (verbo direcional)

Português: "Eu dei a flor para a mãe."

Exemplo 3: LIBRAS: **PORQUE-ISTO** (expressão facial de interrogação)

Português: "Para que serve isto?"

Exemplo 4: LIBRAS: **IDADE-VOCÊ** (expressão facial de interrogação)

Português: "Quantos anos você tem? "

Há alguns casos de omissão de verbos na LIBRAS:

Exemplo 5:" LIBRAS: **CINEMA U-P- A-L-T-A-S-V-E-N-T-U-R-A-S MUITO-BOM**

Português: " O filme Up Altas Aventuras é maravilhoso !

Exemplo 6: LIBRAS: **...PORQUE PESSOA FELIZ-PULAR**

Português: "... porque as pessoas estão felizes demais!"

Exemplo 7: LIBRAS: **PASSADO COMEÇAR FÉRIAS EU VONTADE  
DEPRESSA VIAJAR**

Português: "Quando chegaram as férias, eu fiquei ansiosa para viajar."

Na estrutura gramatical da LIBRAS observa-se que a mesma possui regras próprias; não são usados artigos, preposições, conjunções, porque esses conectivos estão incorporados ao sinal.

Esta descrição muito sucinta da LIBRAS não é suficiente para conhecê-la na sua estrutura linguística como um todo e, muito menos, em suas especificidades enquanto língua de uma comunidade. No entanto, é um primeiro passo para que saibamos que a LIBRAS é uma língua natural com toda complexidade dos sistemas linguísticos que servem à comunicação, socialização e ao suporte do pensamento de muitos grupos sociais surdos.

Mesmo a despeito de mais de um século de proibição de seu uso nas escolas de surdos, preconceito e marginalização por parte da sociedade como

um todo, as línguas de sinais resistiram, demonstrando a necessidade essencial de sua utilização entre as pessoas surdas.

## BILINGUISMO: UMA PROPOSTA ATUAL

Atualmente muitos surdos, quando estão em eventos acadêmicos, políticos, jurídicos que exigiria intérpretes de LIBRAS para melhor compreensão, não conseguem entender nem a língua portuguesa nem a LIBRAS, ficando marginalizados, sem uma participação efetiva. Mas se, ao contrário desta situação, houver uma valorização da LIBRAS poderá haver uma participação mais efetiva dos surdos na sociedade. Nesse sentido, parece fundamental a criação de espaços nos quais seja possível favorecer o desenvolvimento da linguagem de crianças surdas a partir de sua exposição à língua de sinais e, o primeiro espaço que é pensado é a escola.

Mas, sabe-se que no Brasil por várias décadas a língua de sinais foi proibida na educação dos surdos. Por conseguinte, muitos jovens com perda auditiva cresceram sem a oportunidade de estabelecer trocas comunicativas em LIBRAS em casa, com os membros de sua família. Recentemente com o avanço dos estudos lingüísticos e com o reconhecimento da língua de sinais, tem-se conhecimentos de novas práticas educacionais de incentivo a aquisição da LIBRAS.

Segundo publicação do Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), o professor francês Ernest Huet – surdo congênito, ex-aluno do INJS de Paris – chegou ao Brasil, em 1855, com a intenção de fundar uma casa de abrigo e ensino para surdos. Huet obteve apoio do Reitor Imperial Colégio Pedro II e conseguiu, para o funcionamento provisório do Instituto Imperial dos Surdos-Mudos (atual INES), uma sala no centro do Rio de Janeiro. O programa de disciplinas, criado em 1856, incluía Língua Portuguesa, Aritmética, Geografia, História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem Articulada, Leitura sobre Lábios e Doutrina Cristã. Neste programa já se delineava a preocupação com o ensino especial, observando-se uma proposta oralista implícita nas disciplinas de Linguagem Articulada e Leitura sobre os Lábios. Em 1911, o Regulamento interno determinou que o método oral puro fosse adotado no ensino de todas as disciplinas. (SKLIAR, 1998, p. 39)

O desenvolvimento de linguagem das crianças surdas pode ser muito comprometido se estas não tiverem oportunidades de desenvolvimento em língua de sinais. Muitos dos sujeitos têm um domínio precário de comunicação, desconhecendo a língua de sinais e usando precariamente a língua oral à qual estão expostos, apresentando um significativo atraso de linguagem.

Para um desenvolvimento satisfatório da linguagem como também para a constituição do sujeito é que surge a proposta de abordagem bilíngüe para a pessoa surda. No bilinguismo a Língua de Sinais é ensinada primeiro e depois a língua escrita e oral do local. Mas, ambas são usadas em situações diferentes e não ao mesmo tempo - onde o uso de uma prejudicaria o da outra. Para tornar esse ponto mais claro é importante frisar que, como foi dito anteriormente, a língua de sinais não segue a estrutura da língua oral, portanto a aquisição da LIBRAS deve ser realizada junto a um surdo nativo na língua ou por um ouvinte proficiente.

O modelo bilíngüe propõe dar acesso à criança surda a mesma possibilidade psicolingüística que tem a pessoa ouvinte (Skliar, 1997, p. 146).

Um bilingüismo língua de sinais/língua oral na modalidade escrita é a única via através da qual a criança surda poderá ser atendida nas suas necessidades, quer dizer, comunicar com os pais desde uma idade precoce, desenvolver as suas capacidades cognitivas, adquirir conhecimentos sobre a realidade externa, comunicar plenamente com o mundo circundante e converter-se num membro do mundo surdo e do mundo ouvinte.

Bilingüismo para surdos atravessa a fronteira lingüística e inclui o desenvolvimento da pessoa surda dentro da escola e fora dela dentro de uma perspectiva sócio-antropológica. A educação de surdos deve ser pensada em termos educacionais e não mais em termos de línguas. Dentro desse contexto, o bilingüismo está sendo apresentado como um caminho de reflexão e análise da educação de surdos. (Skliar, 1999, p. 10)

Em cada criança as duas línguas apresentarão papéis diferentes: em algumas crianças predominará a língua de sinais, em outras predominará a língua oral e noutras haverá presença de ambas as línguas. Ainda, devido aos diferentes níveis de surdez possíveis e à complexa situação de contato entre

ambas as línguas, podem-se encontrar diferentes tipos de bilingüismo, isto é, a maioria das crianças surdas adquirirá níveis distintos de bilingüismo e “biculturalismo”. Como outras crianças bilingües, as crianças surdas usarão ambas as línguas na sua vida. Ser “bicultural” significa identificar-se culturalmente com duas comunidades linguísticas.

Muitas vezes, o sujeito surdo transita entre as duas culturas, a surda e a ouvinte, no entanto, sua identidade se constitui com a consciência de ser definitivamente diferente por necessitar de recursos completamente visuais. Essa oscilação entre o mundo surdo e ouvinte, faz com que o sujeito surdo constitua, por vezes, sua identidade de forma fragmentada. Skliar chama esse processo de identidade flutuante, onde o surdo não está a serviço da comunidade ouvinte por falta de comunicação e nem a serviço da comunidade surda por falta da língua dos sinais. “É o sujeito surdo construindo sua identidade com fragmentos das múltiplas identidades de nosso tempo, não centradas” (SKLIAR,1998, p.66), mas sem um elemento integrador como a linguagem e sua capacidade de significação.

A proposta de educação bilíngüe busca contemplar o direito lingüístico da pessoa surda de ter acesso aos conhecimentos sociais e culturais em uma língua na qual tenha domínio. Além disso, aspectos culturais, sociais, metodológicos e curriculares inerentes à condição de surdez precisam ser considerados em uma proposta séria de ensino à comunidade surda.

A aquisição da língua de sinais é de extrema importância para o desenvolvimento de uma identidade pessoal surda, pois permitirá à criança o desenvolvimento de sua identificação com mundo surdo. Por sermos seres sociais, precisamos nos identificar com uma comunidade social específica e, com ela, interagir de modo pleno, ou seja, precisamos de uma identidade cultural, e, para isso, não basta uma língua e uma forma de alfabetização, mas, sim, um conjunto de crenças, conhecimentos comuns a todos.

Tendo como conceito de identidade cultural um conjunto de características que definem um grupo e que incidem na construção do sujeito, sejam elas as que identificam ou as que excluem, o surdo se constitui dentro de um espaço social onde se vê como parte diferente do mesmo. Esse espaço social, que vamos chamar de cultura ouvinte, criou,

historicamente, um estereótipo de incapacidade, de deficiência, para o surdo. (Perlin, 1998, p. 53)

O fato de ser capaz de utilizar a língua de sinais será uma garantia de que a criança surda maneja pelo menos uma língua. Apesar dos consideráveis esforços feitos por parte das crianças surdas e dos profissionais que os rodeiam, e apesar do uso de próteses auditivas, o fato é que muitas crianças surdas têm grande dificuldade para perceber e produzir uma língua oral na sua modalidade falada. Esperar vários anos para alcançar um nível satisfatório que pode não ser alcançado, e negar durante esse tempo o acesso da criança surda a uma língua que satisfaça as suas necessidades, é praticamente aceitar o risco de um atraso no seu desenvolvimento linguístico, cognitivo, social ou pessoal. Por isso, o êxito acadêmico da criança surda e seus futuros sucessos profissionais dependerão em grande medida de um bom manejo da língua portuguesa na sua modalidade escrita, pois será um meio importante para a aquisição de conhecimentos. Grande quantidade do que aprendemos se transmite através da escrita, tanto em casa como depois na escola.

Há alguns surdos que, rejeitando a cultura surda e conseqüentemente a LIBRAS, só querem utilizar a língua portuguesa, e há muitos surdos que, embora queiram se comunicar com outros surdos em LIBRAS, devido ao fato de terem se integrado à Cultura Surda tardiamente, usam, não a LIBRAS, mas um bimodalismo, ou seja, sinalizam e falam simultaneamente, como os ouvintes quando começam a aprender a língua de sinais.

Portanto, toda criança surda, qualquer que seja o nível da sua perda auditiva, deve ter o direito de crescer bilíngüe. Conhecendo e usando a língua de sinais e a língua oral (na modalidade escrita), a criança alcançará um completo desenvolvimento das suas capacidades cognitivas, lingüísticas e sociais.

A questão de S. não ter sido treinada para falar e ler lábios na fase em que toda criança ouvinte está adquirindo linguagem, e entrando em contato com a LIBRAS tardiamente, após a conclusão dos estudos teve raros momentos de interação com outros surdos, convivendo apenas em ambientes ouvintes, sua comunicação tornou-se falha, pois sua perda auditiva não

possibilita a oralidade e a LIBRAS, sendo a sua língua natural, ficou restrita a alguns sinais e gestos que acabou estabelecendo com seus os familiares.

S. pode vivenciar um período em que a escola especial para surdos ainda não era uma contra mão para a inclusão social no sistema educacional, pois a escola ofereceu uma imersão na LIBRAS, quero dizer, havia uma quantidade de pessoas que se comunicavam com uma linguagem tridimensional possibilitando experiências visuais para a aquisição de conhecimentos e percepção mais crítica do mundo ouvinte.

Infelizmente não se sabe qual será o futuro da proposta da escola bilíngüe se não houver uma movimentação da comunidade surda, mediante a resolução recém aprovada no dia 02 de outubro de 2009 pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação decreto nº 6.571/2008, onde os sistemas de ensino devem matricular os alunos com as diversas deficiências em classes comuns do ensino regular. Isto quer dizer que as escolas especiais se tornarão pólos com a função complementar ou suplementar a formação dos alunos com necessidades especiais. Ao passo que a proposta de educação bilíngüe visa o contrário à imersão em tempo integral do surdo na LIBRAS.

Pode-se dizer que S. teve oportunidade que gerações futuras de surdos poderão não ter. E a atual situação de precariedade em sua comunicação e conseqüentemente pouco entendimento do que está ocorrendo em sua vida é decorrência do pouco contato com pessoas que se comunicam em LIBRAS.

## ARTETERAPIA E OS CONTOS DE FADAS

Existem registros que desde o século 5 a.C a Grécia utilizava a arte como instrumento de tratamento e cura. “O uso terapêutico das artes remonta, sem dúvida, às civilizações mais antigas”. (CIORNAI, 2004, p.21)

Desde então, as expressões artísticas correspondem à expressão psíquica da comunidade e, particularmente, de cada indivíduo. Com isso, a arte passou a ser considerada um instrumento de expressão e transformação em pessoas mais inventivas, criadoras, fortes e saudáveis.

Segundo Philippini (1994), a arte como ferramenta terapêutica no Brasil é vista por segmentos mais conservadores, com reservas. Contudo, dentro do universo junguiano, ela sempre esteve presente entre as estratégias terapêuticas dos que trabalham com esta abordagem. Parte-se da premissa que os indivíduos, em seu processo de autoconhecimento e transformação, são orientados por símbolos.

O ato essencial do pensamento passa a ser a simbolização. A vida mental é reconhecida como um processo simbólico. O simbolismo, chave para se entender o humano enquanto tal, passa a ser característica humana posta no grau mais elevado. Símbolo e significado constituem o mundo do homem muito mais do que a sensação, porque o homem compreende a realidade a partir dessa simbolização interna. (ANDRADE, 2000, p.28)

De acordo com Philippini (2004) o objetivo da Arteterapia, na visão junguiana, é o de apoiar e o de gerar instrumentos apropriados, para que a energia psíquica forme símbolos em variadas produções, o que ativa a comunicação entre o inconsciente e o consciente. Compreendendo o símbolo como linguagem metafórica do inconsciente, contém em si próprio, o significado de todos os enigmas psíquicos.

As estratégias arteterapêutas devem conduzir à melhor compreensão dos significados emocionais contidos no símbolo, possibilitando ao indivíduo a

conhecer, compreender, refazer, recuperar, recordar, reparar e transcender. Isso atende a singularidade, funciona como ferramenta para despertar e ativar a criatividade e, também, para desbloquear e transmitir à consciência instruções e informações oriundas do inconsciente.

Fazendo uso da arte como ferramenta de trabalho, a Arteterapia exalta e libera as qualidades do indivíduo na práxis da vida, ajudando-o a sentir-se e agir de acordo consigo mesmo, criando um canal de comunicação entre seus conteúdos conscientes e seus conteúdos inconscientes, ao longo de sua existência. (ARCURI, 2006, p. 20)

Na psique humana o fluxo entre os conteúdos conscientes e inconscientes colaboram para o desenvolvimento de toda a dinâmica intrapsíquica, ao serem transportadas à consciência por meio do processo arteterapêutico.

Arteterapia pode ser considerada como a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos, baseando-se na percepção de que o processo criativo envolvido na atividade artística é terapêutico e enriquecedor da qualidade de vida das pessoas. (ARCURI, 2006, p. 21)

Este processo é facilitado pelas modalidades e materiais expressivos diversos, tais como contos de fadas, modelagem, mosaicos, confecção de máscaras, tintas, papéis, colagens, criação de personagens e outras infinitas possibilidades criativas. Todos propiciam o surgimento de símbolos indispensáveis para que cada indivíduo entre em contato com aspectos a serem entendidos, assimilados e alterados.

As técnicas de arte terapia são baseadas no conhecimento que todo indivíduo, quer tenha ou não, treino em arte, tem uma capacidade latente para projetar seus conflitos interiores em formas visuais. Ao representar pictoricamente suas experiências interiores, os pacientes, frequentemente, se tornam mais desenvolvidos verbalmente. (ANDRADE, 2000, p. 72)

Através dos contos podemos ser tocados por sentimentos, aqueles que estavam escondidos, como medos, felicidade, amor entre outros, que nos são trazidos através das imagens neles contidas. Bettelheim (1980) coloca que cada pessoa absorverá um significado próprio, dependendo do momento pelo qual passa, e de suas necessidades internas, sendo que um mesmo conto poderá ter significados diferentes para a mesma pessoa, considerando-se as diversas fases de sua vida.

O processo terapêutico acontece quando existe um acordo criativo entre o tempo interno de cada um e o tempo externo. Quando aprendemos a olhar a vida e nossas responsabilidades com mais liberdade e autenticidade, sem que deixemos de lado nosso convívio social e compromissos que assumimos com nossa sociedade. (GUTTMANN, 2006, p. 142)

Os contos de fada podem ser vistos como obras de arte, pois são capazes de nos envolver em seu enredo, de instigar a nossa mente e nos comover com seus personagens. Tratam das experiências cotidianas, e permitem que identifiquemos com as dificuldades ou alegrias de seus heróis, cujos feitos narrados expressam a condição humana frente às provações da vida.

Os contos nos falam das diferentes situações de vida, o relacionamento das pessoas entre si e com a sociedade, com a natureza, com o divino, com as famílias etc. Cada vez que se conta um conto estabelece-se um elo entre as imagens do conto com as imagens do mundo interior da criança ou do adulto, praticando uma vivência do mundo interior. “Como a arte, os mitos e contos constituem-se em fonte inesgotável de conhecimento, com abertura a um rico campo de significações”. (ARCURI, 2006, p. 91)

De acordo com Bettelheim, os contos de fadas ultrapassam a tênue ligação entre consciente e inconsciente.

Desde séculos (quando não de milênios) durante os quais os contos de fadas, sendo recontados, foram-se tornando cada vez mais refinados, e passaram a transmitir ao mesmo tempo significados manifestos e encobertos – passaram a falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana,

comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado. (BETTELHEIM,1980, p.14).

Os contos ampliam a visão permitindo novas saídas, outros jeitos de ser e estar no mundo, observando outras experiências ou momentos para estar consigo mesmo, é uma possibilidade para crianças, jovens e adultos nomearem suas experiências, trazendo para a consciência exercício do domínio das emoções através das imagens poéticas que os contos de fadas proporcionam, pois evocam pensamentos, emoções, intuições que provocam, intrigam, maravilham e até curam.

As interpretações existentes para os contos de fadas, quanto ao perfil das personagens e conflitos, também são relevantes para que se compreenda um pouco a possível mensagem subjacente em cada um deles, bem como a sua estrutura narrativa enquanto obra literária.

Por certo, muitos dirão que os contos não refletem a realidade do século XXI ou, ainda, que estes nada têm a dizer aos jovens leitores da era tecnológica e, por que não dizer, alienadora que inevitavelmente se instalou em todas as esferas da vida humana.

Desse modo, o conto de fadas não se refere somente às mazelas ou aos feitos heróicos de uma sociedade antiga, mas sim às vicissitudes da vida humana ao longo dos tempos, pois eles representam de maneira simbólica um quadro social e humano que, todavia, continua se perpetuando. Assim, não se pode fugir do fato de que os acontecimentos mostrados nos contos persistem pelas linhas do tempo e chegam até nós de maneira latente, principalmente nos casos de abandono, maus tratos, abuso e descaso às crianças e aos jovens inseridos em plena era tecnológica.

Ouvir uma narrativa desperta a imaginação e oferece a investigação do que pode ser e não do que deve ser. Esse oferecimento está presente em qualquer obra de arte, em especial nos contos de fadas. O crescimento que se consegue desenvolver através dos contos de fadas está implícito no fato que os contos encantam pessoas de qualquer faixa etária, pois reproduzem em seu enredo a passagem por todos os estágios da vida humana.

Sintetizando, os contos de fadas passam a mensagem de que na vida é inevitável ter que se deparar com dificuldades, mas que se labutar com firmeza será possível vencer os obstáculos e alcançar a vitória.

## COM A PACIENTE

Sabe-se que não existe vida sem dificuldades, medos, alegrias, inseguranças, sofrimentos e angustias. Como agir diante destes sentimentos, como lidar com isso? Bonaventure (1992) assegura que através dos contos pode-se aprender qual seria a atitude mais adequada para resolver problemas, levando o indivíduo em busca de soluções criativas.

Sabendo que os mitos e contos, segundo Jung, “dão expressão a processos inconscientes e sua narração provoca a revitalização desses processos restabelecendo assim a conexão entre consciente e inconsciente”.(in Silveira p.105), pensei no conto da Bela Adormecida, por se tratar de um conto conhecido que facilitaria, no momento do relato, construir as imagens em sinais para o desencadeamento do enredo e, também a semelhança com o seu estado de latência em que a paciente permaneceu sob a guarda de sua mãe tal qual os anos da Bela Adormecida.

A história da Bela Adormecida sugere o longo processo de maturação, em especial da infância para a adolescência, quando, então, ingressará na vida social. O trecho que narra o momento em que ela e todos, no castelo, adormecem nos faz acreditar que, nesse longo período, nada acontece, entretanto a mudança está ocorrendo interiormente, sob a forma de transformações sexuais e emocionais. Essa “mudança de vida” é um processo semelhante à morte e ao renascimento. Morte e sono estão interligados no enredo.(GOUVÊA, 2006, p.67)

A versão da história relatada foi a dos irmãos Grimm. As imagens foram construídas em sinais, sem apresentação do recurso visual. S. demonstrou dificuldade em compreender alguns trechos da história devido ao seu distanciamento da LIBRAS. E conforme foi presenciando a sinalização do conto conseguiu relembrar a história.

Para iniciar uma atividade expressiva, pensando em um fazer propiciador e revelador, a técnica sugerida foi o desenho.

O desenho está diretamente relacionado com a forma do objeto. Desenhando, traçam-se no papel as marcas dos gestos que correspondem aos trajetos do olhar que sugerem o contorno dos objetos concretos ou de representações gráficas. Portanto, o desenho é uma atividade analítico-sintética: o sujeito desmonta uma imagem em unidades de movimentos não significativos para construir, em seguida, uma representação complexa cuja significação emerge das relações topológicas entre as partes. (PAIN e JARREAU, 1996, p.99)

O lápis de escrever e lápis de cor, por serem elementos fáceis de manusear e controlar, sendo um dos materiais mais conhecidos pelas pessoas, principalmente por quem passou pela escola, demovem a possibilidade de ansiedade frente à tarefa a ser executada. Segundo Pain (1996) a prática do desenho proporciona um relaxamento e antecede ou complementa a pintura.

Solicitei que fizesse um desenho sobre o que mais lhe chamou a atenção no conto.

Figura 14



Ao desenhar o rei, apagou por duas vezes o desenho quase pronto, reproduzindo praticamente igual ao anterior. Demonstrando uma insegurança talvez em relação ao sexo masculino. Enquanto desenhava fez comentários sobre um casal de colegas de escola que se casaram e tiveram dois filhos, mas que atualmente estão separados. Um detalhe que não pode deixar de lado é que esta colega, na adolescência, era muito assediada pela sua beleza física, e S. sempre foi o seu oposto. O seu estranhamento gira em torno de como uma mulher bonita e desejada pode ser deixada pelo marido?

Quando S. desenhou a rainha fica explícito o seu desejo de se assenhorar. Desde o falecimento de sua mãe e as ausências de seu pai no comando da casa, os irmãos que moram na mesma casa não colaboram na divisão das despesas e a manutenção com recursos financeiros, estavam utilizando apenas o salário de S.

Depois pedi que desenhasse a parte do conto que mais gostou. Desenhou a passagem onde a rainha encontra no lago uma rã que prenuncia a tão desejada gravidez.

Começou o desenho pelo lago, em seguida a rã e depois a rainha. O lago representa desejos reprimidos inconscientes e o sapo desejo sexual. Não quis usar os lápis de cor.

Figura 15



O fato que trouxe a família de S. à clínica foram as agressões físicas cometidas por S. em um dos irmãos que habitava a mesma casa. A sua aparente passividade e distanciamento da dinâmica que se estabelecia em sua casa durante os anos em que a mãe vivia, fez com que seus irmãos pensassem que S. não estava absorvendo o que estava ocorrendo a sua volta. Aproveitaram da imprecisão na comunicação e passaram as despesas domésticas e outras contas a pagar para S.

S. foi percebendo o que estava acontecendo e, a sua maneira, advertiu seus irmãos, que não quiseram compreender. Até que um dia, S. necessitou demonstrar a sua insatisfação através da agressão física, já que nenhum deles aprendeu minimamente a se comunicar em LIBRAS.

S. teve que mostrar o seu lado animal, que para o seu porte físico, é uma mulher grande, foi um objetivo fácil de atingir. O segundo conto escolhido foi a Bela e a Fera.

Este conto expressa o progressivo despertar da mulher.

Na nossa sociedade, as jovens participam dos mitos masculinos do herói porque, como os rapazes, precisam educar-se e desenvolver uma personalidade própria sólida. Mas há uma região, ou camada mais antiga das suas mentes que parece vir à superfície dos seus sentimentos para as tornar mulheres, e não imitações de homem. Quando este antigo conteúdo da psique começa a aparecer a jovem moderna tem a tendência de reprimi-lo, já que representa uma ameaça às suas mais recentes prerrogativas: a emancipação e a igualdade de competição com os homens. (HENDERSON, 2008, p.178)

Pude observar que ao relatar este conto, S. conseguiu compreender o relato fazendo poucas interrupções. Ao final, pedi para que contasse o que mais gostou da história. Sinalizou a parte em que o pai pergunta qual presente gostaria que ele trouxesse. Ofereci pinceis e tinta guache para que representasse o que havia relatado em sinais.

Por ser um material essencialmente fluído ou liquefeito, proporciona um excelente meio para a manifestação das emoções. [...] O estar atento aos movimentos corporais e as sensações impressas no corpo, tanto enfatiza a adaptação ao mesmo, quanto faculta a abertura do canal expressivo para as emoções nele contidas. (URRUTIGARAY, 2006, p.58)

S. demonstrou tranqüilidade e familiaridade com o material oferecido, como não havia mostrado nenhuma gravura sobre o conto, antes de iniciar sua composição, perguntava qual era cor da roupa de Bela ou do pai. A resposta era para que ela representasse no suporte o que havia imaginado através da sinalização do conto. De muito bom humor retrucava dizendo que “isto tem volta, me aguarde!”

A “composição” é a representação plástica (como qualidade “flexível”) formada pela experiência organizada dada através de manipulação de linhas, formas, massas, luz, sombra, textura e cor. Ela visa à tradução de idéias, sentimentos, emoções dispostas em formas visuais, como no caso das pinturas, esculturas e performances cênicas. (URRUTIGARAY, 2006, p.134)

Seus gestos não demonstraram que estava evitando alguma dificuldade em representar, seus movimentos eram precisos e limpos. A princípio teve preocupação em não sujar o recipiente (godê) com as tintas, mas foi se soltando e fez algumas misturas de cores. A composição produzida não retrata a parte do conto que S. disse ter gostado.

Figura 16



As cores que predominaram foram o azul e o verde, mas o que mais chamou atenção foram os sapatos vermelhos de Bela.

Assim como as cores são uma variedade de ondulações da luz e provocam a sensação cromática, as emoções, do mesmo modo, também variam de acordo com a cor ou com a intensidade da energia psíquica. Poderíamos então, por analogia, atribuir que a variação da intensidade ondulatória de luz assemelha-se ao movimento da energia psíquica e,

portanto, poderíamos associar o elemento cor com a emoção de acordo com a seguinte comparação:

COR/LUZ = EMOÇÃO/ENERGIA PSÍQUICA  
(URRUTIGARAY, 2006, p.114)

De acordo com o dicionário de Símbolos de Chevalier (1982, p. 275), podemos analisar as cores que predominaram a composição.

**VERDE:** é a cor da esperança e vida nova, da energia, crescimento e juventude. Proporciona maior autocontrole e determinação. S. soube expressar o seu desejo através das cores, pois se sente sugada pelos irmãos e a esperança que sua vida mude.

**AZUL:** é a cor que favorece as atividades intelectuais, a meditação e a imaginação. S. utiliza esta cor para representar a roupa de Bela com algumas pinceladas de verde. Sempre foi tratada como uma pessoa frágil por causa de seus problemas de saúde e agora está de frente com a realidade, confrontar a sua capacidade intelectual em administrar o seu próprio salário.

**VERMELHO:** é a cor universalmente considerada como símbolo fundamental do princípio da vida. Favorece a força de vontade, a conquista, a vitória e a liderança. Simboliza também aos dois mais profundos impulsos do ser humano: ação e paixão, libertação e opressão. É uma decisão que S. precisa tomar em sua vida, manter e tolerar o convívio com os irmãos ou enfrentar mudanças internas.

A representação elaborada por S. indicou um próximo conto: Os sapatinhos vermelhos. O conto retrata uma protagonista incapaz de completar um esforço de transformação.

A verdade psicológica na história dos sapatinhos vermelhos é a de que a vida expressiva da mulher pode ser sondada, ameaçada, roubada ou seduzida a não ser que ela se mantenha fiel à sua alegria básica e ao seu valor selvagem, ou que os resgate. A história chama a nossa atenção para as armadilhas e venenos com os quais nos envolvemos com excessiva facilidade quando estamos sem a proteção da alma selvagem. ( ESTÉS, 1999, p.275)

Em seu estudo sobre lobos, Estés percebeu uma semelhança com a história das mulheres, ambos são muito intuitivos, preocupam-se com os filhotes e parceiros, têm determinação e muita coragem. E ainda possuem em comum algumas características psíquicas como percepção aguçada, espírito brincalhão e muita devoção. Neste sentido, a autora refere-se ao termo selvagem como a uma vida mais natural, seguindo os seus limites saudáveis mantendo ou preservando a sua integridade.

A compreensão dessa natureza da Mulher Selvagem não é uma religião, mas uma prática. Trata-se de uma psicologia em seu sentido mais verdadeiro: *psukhè/psych*, alma; *ology* ou *logos*, um conhecimento da alma. Sem ela, as mulheres não têm ouvidos para ouvir o discurso da sua alma ou para registrar a melodia dos seus próprios ritmos interiores. Sem ela, a visão íntima das mulheres é impedida pela sombra de uma mão, e grande parte dos seus dias é passada num tédio paralisante ou então em pensamentos ilusórios. (ESTÉS, 1999, p. 23)

Este conto ainda não foi relatado a paciente devido a sua pouca imersão na LIBRAS. O conto “Os sapatinhos vermelhos” não é conhecido, exigiria trocar os muitos sinais por gestos pictóricos para que S. compreendesse o enredo, tiraria toda a oportunidade de realizar movimentos projetivos. O seu discurso empobrecido indica uma necessidade de ampliação de recursos para o seu ego, como um modo de percepção de outras vias de acesso e compreensão da realidade ainda não integradas à sua consciência.

Após lembrá-la de que havia comentado que gostou do momento em que o pai de Bela pergunta qual presente gostaria que trouxesse, perguntei no lugar de Bela qual presente S. gostaria de pedir. Houve muita hesitação, por fim disse que gosta de chocolate. Como ficou confusa sua sinalização sobre o tipo, pedi que através da massa de biscoito modelasse o chocolate de sua preferência.

Figura 17



Comentei que os alimentos além de ativar o olfato e o paladar e trazem lembranças. Perguntei se também ocorria esse fato com ela, respondeu que a faz lembrar festas com muitas pessoas conversando em clima amistoso.

Em outra sessão, perguntei qual presente encheria seus olhos de beleza e contentamento, também houve hesitações e pedidos de ajuda, mas sempre foi estimulada a decidir e pensar por si. Estes momentos foram muito ricos para explorar novos sinais e ressignificar os que possui. Disse que também pediria flores, ao ser indagada o tipo, novamente sua sinalização era insuficiente, então ofereci livros com obras de vários pintores. Escolheu o livro com as obras de Vincent van Gogh e elegeu os girassóis. S. perguntou se podia copiar a pintura e assim o fez.

Figura 18



Entre a execução das atividades, S. pede esclarecimentos sobre vários assuntos, principalmente os acontecimentos jornalísticos demonstrando que necessita da LIBRAS para melhor compreender o mundo que a cerca.

Portanto, optei por permanecer no conto da Bela e a Fera e propiciar situações de trocas comunicativas e uso de outras técnicas expressivas de modo a

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste estudo foi mostrar que os contos de fadas mediados pelo processo arteterapêutico auxiliam na ampliação da consciência através do diálogo com os conteúdos inconscientes expressos nas emoções, sentimentos e imagens atribuindo-lhe um sentido singular ao revelar as experiências vividas.

Neste estudo a palavra diálogo tem um sentido duplamente reforçado, uma através da Arteterapia como facilitadora do acesso ao universo imaginário e simbólico permitindo auxiliar o processo de auto-descoberta, bem como possibilitar que S. tenha oportunidade de dialogar na língua que lhe é natural, a LIBRAS.

Pois, a língua tem uma importante função intelectual e social. A descaracterização do surdo por não dominar a LIBRAS traz sérias consequências na representação de si próprio e do mundo como também no fortalecimento da comunidade surda. Quando um surdo não tem o domínio da língua, ele é excluído, não fortalece sua identidade de surdo e dos demais grupos que representa como de gênero e raça. Por intermédio das relações sociais, o sujeito tem a possibilidade de se interpretar definindo suas características e seu comportamento diante dessas vivências sociais.

Através deste estudo foi possível observar indícios de evolução da paciente durante as sessões terapêuticas. Houve mudanças comportamentais expressada pela diminuição da ansiedade, agressividade e melhora no relacionamento com seus familiares como também em seu ambiente de trabalho.

## REFERÊNCIAS

- ALT, C. B. **Contos de fadas e mitos: um trabalho com grupos numa abordagem junguiana.** São Paulo: Vetor, 2000.
- ARCURI, I. G. (org.) **Arteterapia: um novo campo do conhecimento.** São Paulo: Vetor, 2006.
- ANDRADE, L. Q. **Terapias expressivas.** São Paulo: Vetor, 2000.
- ANDRADE, S. de L. A. de, **O quarto degrau.** São Paulo: S.L.A. Andrade, 1994.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** 6. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BETTELHEIN, B. **A Psicanálise dos contos de fadas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BONAVENTURE, J. **O que conta o conto.** São Paulo: Paulus Editora, 1992.
- CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.
- CORSO, D. L., CORSO, M. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GIORDANO, N. A. M. R. **Contar histórias como possibilidade de tecer o invisível: as emoções.** In: CIORNAI, S. (org.) **Percursos em Arteterapia.** Vol. 63. São Paulo: Summus Editorial, 2004.
- GÓES, M. C. R. **Linguagem, Surdez e Educação.** 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 1999.
- GOLDFELD, M. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Socio-interacionista.** 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.
- GOUVÊA, E. **A Bela Adormecida: uma vivência no mundo do silêncio.** In: SILVA, L. P. B. **Os contos de fadas em experiências arteterapêuticas.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2006.
- GUTTMANN, M. **Arteterapia: um surpreendente e poderoso caminho de autoconhecimento e transformação.** In: ARCURI, I. G. (org.) **Arteterapia: um novo campo do conhecimento.** São Paulo: Vetor, 2006.

HENDERSON, J. L. **Os mitos antigos e o homem moderno**. In: JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KAUCHAKJE, S. "Comunidade surda": as demandas identitárias no campo dos direitos, da inclusão e da participação social. In Silva, Ivani Rodrigues, Kauchakje, Samira, Gesueli, Zilda Maria. **Cidadania, Surdez e Linguagem: Desafios e Realidades**. São Paulo: Plexus, 2003, p. 57 – 67.

MASINI, Elcie F. Salzano (org). **Do Sentido...Pelos Sentidos...Para o Sentido: Sentidos das Pessoas com Deficiência Sensorial**. São Paulo: Vetor, 2002.

MOURA, M.C. O Surdo – **Caminhos para uma Nova Identidade**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora RevinteR Ltda, 2000. p.109-145.

PAIN, S e JARREAU, G. **Teoria e técnica da Arte-terapia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

PERLIN, G. T. **Identidade Surda**. In Skliar, C. (org.). **A Surdez: um Olhar Sobre as Diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998, pp. 51-72.

\_\_\_\_\_ **Identidade Surda e Currículo**. In Lacerda, CBF e Góes MCR (org.) **Surdez – Processos Educativos e Subjetividade**, São Paulo: Editora Lovise LTDA, 2000. p.23 – 28

PHILIPPINI, A - **Arteterapia, um caminho**. In: **Imagens de Transformação**. v.1, n. 1, p. 04-07, out. 1994.

\_\_\_\_\_ **Para entender a Arteterapia: Cartografias da coragem**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2004.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma Viagem ao Mundo dos Surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SIGNORINI, I. Letramento e (in)flexibilidade comunicativa. KLEIMAN, A.B. (org.) **Os significados do letramento**. Campinas, SP: Mercado de letras, 1995.

SKLIAR, C. Os Estudos Surdos em Educação: Problematizando a Normalidade. In \_\_\_\_\_ (org.). **A Surdez: um Olhar Sobre as Diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998, pp. 7-32.

\_\_\_\_\_ **Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos**. In C. Skliar (org.) **Educação e Exclusão**. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1997.

**A reestruturação curricular e as políticas educacionais para as diferenças: o caso dos surdos.** In: SILVA, Luiz H. da; AZEVEDO, José C.; SANTOS, Edmilson S. DOS. (ORG.) *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação, 1997.

URRUTIGARAY, M. C. **Arteterapia: a transformação pessoal pelas imagens**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2006.

VIEIRA, M.I.S – **O efeito do uso de sinais na aquisição de linguagem por crianças surdas filhas de pais ouvintes**. Dissertação de Mestrado. Programa de Distúrbios da Comunicação – PUCSP, 2000.

VON FRANZ, M. L. **Interpretação dos Contos de Fadas**. São Paulo: ed. Paulus, 1990

VYGOTSKY, Liev Semiónovitch. **A Formação Social da Mente: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.